

Editorial

Os artigos publicados nesta edição da *Revista Brasileira de História da Educação* são contribuições em áreas de interesse já bastante consolidadas pelos estudos em História da Educação. Assim, com artigos sobre a educação do corpo, a imprensa pedagógica, o sistema educativo, as disciplinas escolares e com um dossiê dedicado à história da cultura escrita procurou-se deter a atenção dos leitores acerca das possibilidades da pesquisa em temas de grande prestígio e que já reúnem análises importantes e muitas referências. Entretanto, mais que afirmar a proficuidade dessas áreas e de seus temas, o desejo aqui é o de dar a ler os avanços que ainda se pode fazer.

Nesse sentido, a educação do corpo e o culto à natureza foram analisados por Carmen Lúcia Soares e Evelise Amgarten Quitzau a partir de um manual do século XVIII, a revista *Educação Hoje* serviu à Daniel Revah e Maria Rita de Almeida Toledo para compreender as questões acerca do ensino secundário nos anos 1960 e Alcides Fernandes da Moura tratou do ensino em Cabo Verde a partir da história da sua sistematização. Do mesmo modo, Renata Patrícia Forai de Valentim, Bárbara Albuquerque Pereira e Rafael Felipe Pires Leite, por um lado, e Antônio Basílio Novaes de Menezes com Juliana da Rocha e Silva trataram de aspectos diversos da relação entre a escola, os programas de higiene e eugenia da Primeira República no Brasil e a formação de professores por meio de programas e manuais ainda pouco pesquisados.

Do mesmo modo, o dossiê organizado por Ana Maria de Oliveira Galvão e Isabel Cristina Alves da Silva Frade sobre a história da cultura escrita contribui com boas perspectivas para temas tão conhecidos quanto

importantes da história da educação como são o letramento e a leitura. As presenças de Harvey Graff e Anne-Marie Chartier na abertura do dossiê põem em diálogo as tradições anglo-saxônicas e francesas de tratar esses temas. A acuidade com que os estudos sobre letramento e os modelos da leitura são discutidos não só dão conta de um debate historiográfico atualizado como indicam caminhos ainda a ser explorados. Seguem artigos que também sugerem análises inventivas dos materiais da escrita, da cartilha *Caminho Suave* e da circulação de livros didáticos na escola primária.

As próprias organizadoras do dossiê, Ana Maria Galvão e Isabel Frade, investigam memórias registradas em depoimentos orais e/ou escritos para mostrar a espécie de distância que existe entre a escrita que a escola quer instituir e as apropriações que os grupos ou indivíduos fazem em seu dia-a-dia com os recursos de que dispõem. A preocupação de Eliane Teresinha Peres, Mônica Maciel Vahal e Vania Grim Thies com a cartilha *Caminho Suave* diz respeito aos aspectos editoriais de uma publicação que marcou a história da alfabetização no Brasil. Enfim, Estela Natalina Mantovani Bertolotti e Márcia Cabral da Silva tratam de cartilhas, paleógrafos e livros de leitura que circularam e conformaram a cultura escolar de escolas de um município de Mato Grosso do Sul. Em muitos sentidos, o conjunto compõe-se de contribuições ao entendimento do modo como a escola primária participa da configuração da cultura escrita.

Este número da *Revista Brasileira de História da Educação* privilegiou os esforços conjuntos de pesquisa e, em alguma medida, reitera a sua importância para a renovação dos estudos em história da educação no país. Como se depreende da breve apresentação dos artigos agora publicados, apenas os autores estrangeiros assinam individualmente seus textos. Ainda assim, Harvey Graff e Anne-Marie Chartier trazem contribuições constituídas a partir das suas participações em iniciativa promovida pelo Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da UFMG por ocasião do V Colóquio Internacional sobre Letramento e Cultura Escrita. Os demais textos, escritos a quatro ou seis mãos, testemunham a importância dos projetos coletivos de pesquisa para ampliar a compreensão de temáticas que já alcançaram grande prestígio nos canteiros da História da Educação.

Duas resenhas completam esta edição. A publicação da tese de doutorado de Bruno Bontempi Júnior pela Editora da Universidade Federal de Uberlândia mereceu uma caprichada resenha da professora

Carlota Boto. Já Evelyn de Almeida Orlando comenta o livro organizado por Terciane Ângela Luchese sobre a história das escolas de imigrantes italianos no Brasil. Trata-se de um dos resultados produzidos pelo grupo de pesquisa História da Educação, Imigração e Memória da Universidade de Caxias do Sul. Nos dois casos, apresentam-se indicações de leituras que, conforme avalizam as resenhas, contribuem para uma melhor compreensão da história da educação e dos seus procedimentos de pesquisa.

Por fim, importa ainda dizer que, a partir deste número, a Revista Brasileira de História da Educação deixa de circular impressa e que, então, passa a ter uma periodicidade trimestral. As mudanças de suporte e periodicidade visam adequar os processos editoriais às demandas de produção do nosso campo de atuação, às exigências de redução dos tempos e custos de edição e de expansão do público leitor desta publicação da Sociedade Brasileira de História da Educação. As mudanças permitiram não só aumentar a quantidade de artigos publicados em cada volume da revista, mas principalmente, viabilizar a publicação bilíngue de parte de seus textos. Assim, nesta edição, além da tradução em português dos textos de Harvey Graff e Anne-Marie Chartier, são publicados também os textos originais em inglês e francês. Outra mudança que reforça as iniciativas de internacionalização da Revista Brasileira de História da Educação é a adoção das normas da American Psychological Association (APA) para a editoração dos artigos publicados a partir deste ano. Com todas essas mudanças, a expectativa da comissão editorial é contribuir para uma maior circulação dos resultados das pesquisas realizadas no âmbito da história da educação.

Comissão Editorial da Revista Brasileira de História da Educação